

ACESSIBILIDADE EM MUSEUS E INSTITUIÇÕES CULTURAIS

Ana Fátima Berquó Carneiro

No dia 21 de setembro de 2012, foi realizado no Instituto Benjamin Constant o Fórum pelo Dia Nacional da Luta das Pessoas com Deficiência, cujo tema principal foi "Acessibilidade". Dentre os palestrantes convidados pudemos contar com a museóloga e arte-educadora Amanda Fonseca Tojal¹, que falou no evento sobre "Acessibilidade em museus e instituições culturais". Nesta edição, trazemos uma entrevista concedida à professora do IBC e membro do Conselho Editorial da *Benjamin Constant*, Ana Fátima Berquó Carneiro.

1 – O que a motivou a desenvolver o projeto "Museu e público especial" lá nos idos de 1991, ainda no MAC/USP?

Amanda – Todo projeto de trabalho que acaba se transformando em projeto de vida começa com um bom motivo. No meu caso, o meu interesse, como educadora do MAC/USP, em receber pessoas com deficiências se deu logo após o nascimento de minha sobrinha. A experiência de conviver com um familiar com deficiência acabou me estimulando a pesquisar esse tema como mais uma ação no meu trabalho. A esse interesse pessoal veio também acrescentar-se a grande falta de conhecimento por parte dos educadores de museu daquela época sobre a presença e a participação mais efetiva desse público nos espaços do museu.

¹ Amanda Fonseca Tojal é museóloga e educadora de museus, mestre em Arte-educação e doutora em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. É também educadora do Museu de Arte Contemporânea da USP e coordenadora do Projeto "Museu e Público Especial" (1988 a 2003) e educadora e coordenadora do "Programa educativo para públicos especiais" da Pinacoteca do Estado de São Paulo e de cursos de extensão cultural sobre "Acessibilidade em museus e ensino da arte na educação especial e inclusiva" (desde 2003), consultora em acessibilidade e ações educativas inclusivas em museus e instituições culturais, como: Museu Casa de Portinari (Brodowski/SP), Museu do Futebol/SP, Museu AfroBrasil/SP e Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, e em exposições temporárias, como: "Olhar com Outro Olhar" (Museu do Futebol), Mostra do Redescobrimto – Brasil 500 anos, entre outras. *E-mail*: atojal@arteinclusão.com.br

2 – Atualmente, como você avalia a acessibilidade dos museus brasileiros para o público com deficiência?

Amanda – Nos últimos anos, tenho notado um crescente interesse por esse tema nos programas educativos de museus, uma tendência importante, pois o museu é um espaço que tem o dever de atender com qualidade a todos os tipos de público.

Mas, entre "falar e pensar" e "agir e implantar", programas permanentes e ações educativas para públicos com deficiência, há um longo caminho e, principalmente, uma mudança atitudinal que precisa ser aceita e incorporada em todas as instâncias museológicas, e não somente como parte das atividades relativas aos setores educativos dessa instituição.

3 – De que forma é possível o público com deficiência visual fruir das exposições nos museus?

Amanda – Sempre digo que a inclusão pode ser "uma faca de dois gumes", caso ela não atenda a seu objetivo principal, que é o de incluir com responsabilidade, considerando que a pessoa com deficiência necessita de infraestrutura e de profissionais capacitados para atendê-la, como também de ações que contribuam para sua autonomia e dignidade.

Assim sendo, os espaços museológicos devem planejar programas e ações dirigidos às necessidades do público com deficiência visual, incluindo formação de educadores e dos profissionais pertencentes a cada instituição, além de formar parcerias com instituições, associações e grupos envolvendo pessoas com deficiência visuais e profissionais que trabalham com esse tema.

4 – O museu que disponibilizar apenas o recurso da audiodescrição estará promovendo a acessibilidade da pessoa com deficiência visual no espaço expositivo?

Amanda – O recurso da audiodescrição é uma ótima ferramenta de acessibilidade para o público com deficiência visual, mas deve ser utilizado levando-se em consideração as necessidades de cada caso. Um exemplo de uma boa utilização desse recurso é a presença da audiodescrição em filmes, peças de teatro e apresentações contendo imagens.

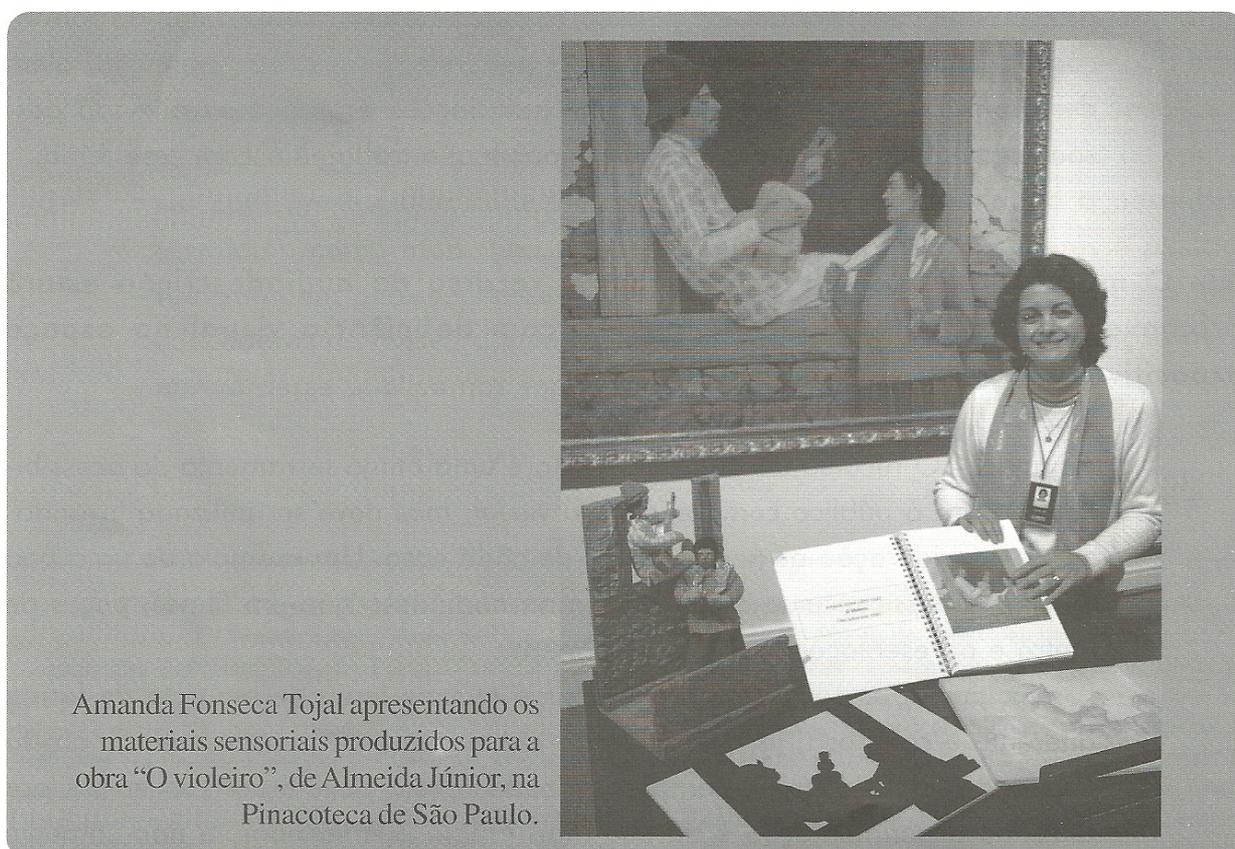
Porém, para o espaço museológico, esse recurso tem que ser visto de forma diferente e criteriosa, já que a função do museu é o de apresentar o objeto cultural, e essa leitura e compreensão do objeto devem ser realizadas por meio da experimentação e do uso mais amplo dos sentidos, e não somente como uma descrição.

Assim, para que o acesso desse público possa realmente ocorrer de forma mais efetiva, os museus deverão criar e planejar ações complementadas por recursos multissensoriais, como maquetes, reproduções em relevo e objetos táteis, como também disponibilizar obras originais que possam ser reconhecidas por meio do tato e dos outros sentidos, além do visual. A utilização de recursos sonoros também é bem-vinda, como também a produção de textos e publicações em dupla leitura e áudio-CD.

Estar no museu e não poder usufruir da riqueza de explorações, conhecimentos e interpretações oferecidos pelo objeto cultural ao público com deficiência visual e reduzir essa experiência apenas a descrições é privar essas pessoas de uma experiência única e, conseqüentemente, do acesso ao que há de mais valioso e especial nessa instituição.

5 – O que falta para o museu cumprir sua função social, isto é, incluir todas as pessoas na programação museológica?

Amanda – Objetivamente, falta vontade política, essa vontade de realização que vai além das adversidades e vicissitudes que toda instituição cultural enfrenta. É colocar na pauta, em primeira instância, esse tema como prioridade, e não como luxo ou complementação de outras ações, interesses pessoais ou institucionais.



Amanda Fonseca Tojal apresentando os materiais sensoriais produzidos para a obra “O violeiro”, de Almeida Júnior, na Pinacoteca de São Paulo.